

Discurso do governo não convence analistas

Investidores querem saber qual será a equipe econômica de Lula, caso seja eleito

ECONOMIA - BRASIL

AFP

Toni Marques*

Correspondente

● WASHINGTON. Apesar dos esforços e das reiteradas declarações de que “o mundo vive uma crise com a expectativa de guerra, a quase estagnação da economia americana e a onda de fraudes de balanços”, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, deixaram a reunião da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban) — realizada ontem nesta cidade, no último dia do encontro do Banco Mundial (Bird) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) — com os investidores e bancos estrangeiros ainda céticos sobre a estabilidade no Brasil.

A pergunta que muitos analistas se faziam era qual será a equipe econômica de Lula, que por enquanto lidera as pesquisas de intenção de votos.

— Armínio Fraga é muito competente, mas a situação do país é de turbulência — dizia um analista de um grande banco inglês.

— O mercado vai continuar nervoso — disse o ex-presidente do BNDES e um dos criadores do real, o economista Edmar Bacha, que é consultor do banco BBA.

Mas para ele, a impressão geral é a de que o Brasil não vai quebrar. Esta foi também a mensagem de Armínio



MALAN E ARMÍNIO deixaram Washington com os investidores ainda nervosos

e Malan durante a reunião: a de que o próximo presidente do Brasil, seja quem for, encontrará uma situação equilibrada, com dívida externa que não preocupa e interna administrável.

— Ainda assim, há uma aversão ao risco muito grande e uma atitude de “vamos esperar para ver no que

vai dar” — disse Bacha.

Na reunião de autoridades e investidores no Banco Mundial, o economista-chefe para América Latina do Deutsche Bank, Leonardo Leiderman, disse a Pedro Malan que os mercados precisam de fatos, não de anúncios. Ele acha que a relação entre a dívida interna e o PIB é

insustentável.

Não é o que pensa Tullio Vera, chefe da pesquisa de dívida de mercados emergentes da Merrill Lynch, que promoveu um seminário sobre mercados emergentes nos mesmos dias e hotel em que a Febraban se reuniu.

— Eu diria que os mercados estão preocupados (com o Brasil), a situação é muito frágil, com os títulos brasileiros em queda e o dólar em R\$ 3,87 ou qualquer coisa assim — disse — É um cenário preocupante, que torna a dinâmica da dívida muito complicada. Não acho que os mercados tenham jogado a toalha, mas acho que estão todos muito preocupados, não apenas por causa do país, mas por causa das implicações na América Latina.

Houve quem defendesse o país: Paulo Leme, diretor de pesquisa de mercados emergentes do Goldman Sachs, e a economista Eliana Cardoso, defenderam a sustentabilidade da situação brasileira.

— O que os incomoda é verem essa situação e não entenderem que é uma crise de confiança e que nós temos condições de reverter esse quadro. Isso está nas mãos do próximo presidente. A mensagem que dou ao mercado é: não apostem que o Brasil vai se atirar pela janela — afirmou o presidente do BC. ■

*Com agências internacionais